

*O homossexual astucioso:  
uma proposta de suplementação queer  
de Silvano Santiago*

The astute homosexual:  
a proposal for supplementation queer of Silvano Santiago

*Carlos Henrique Lucas Lima*

Universidade Federal do Oeste da Bahia

DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148537171>

**Resumo:** Recorrendo ao ensaio “O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações” e ao romance *Stella Manhattan*, ambos de Silvano Santiago, proponho, neste texto, que o Silvano ensaísta é *suplementado* pelo Silvano escritor. Destaco conceitos como o de *exílio* e *deriva* sexuais, retirados do romance, apostando na derrisão da heterossexualidade presumida, via desconstrução da linguagem, como forma de desacomodar os papéis de homens e mulheres, héteros e homos, gueis e lésbicas.

**Palavras-chave:** *Stella Manhattan*. Exílio/deriva sexual. Estudos *queer*.

**Abstract:** In the essay “O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações” and the novel *Stella Manhattan*, both by Silvano Santiago, I propose, in this text, that the Silvano essay writer and supplemented by the fiction writer Silvano. I emphasize concepts such as sexual exile and drift, drawn from the novel, betting on the derision of presumed heterosexuality, through the deconstruction of language, as a way of disowning the roles of men and women, heterosexuals and homosexuals, gays and lesbians.

**Keywords:** *Stella Manhattan*. Exile/sexual drift. Queer studies.

*Não é fácil brigar para ser respeitado e é humano e compreensível que a maioria dos entendidos prefira ficar na moita, até em atenção ao grau de exposição que o assumir-se traz para a sua própria família.*

(Ítalo Moriconi)

Carlos  
Henrique  
Lucas Lima

54

O ensaio “O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações”, originalmente uma palestra proferida por Silvano Santiago em 1999, na Brown University é, hoje, “pedágio obrigatório” para aquelas/aqueles que se propõem pensar homossexualidades no Brasil, e especialmente para o que aqui nos toca: a contribuição brasileira para “os estudos sobre gays e lésbicas na cultura dominante” (SANTIAGO, 2004, p. 97). Nesse texto é destacável também a observação – ou “anotação”, uma alusão ao título do ensaio – que realiza Santiago ao indicar que, a despeito da posição subalterna do intelectual brasileiro, contribuimos – ou melhor, sua escritura contribui – no sentido de oferecer um caminho alternativo, ou suplementar, ao modelo estadunidense de *outing*, ou se preferirmos, de “saída do armário”. E mais: o lugar da produção brasileira no que se refere aos estudos sobre e de homossexualidade é, no texto de Silvano Santiago, metáfora para a posição que, no cenário mundial – ou planetário, se preferirmos, a própria reflexão teórica e crítica, em literatura e cultura, brasileira ocupa.

Junto a esse texto seminal, portanto, para os estudos sobre gays e lésbicas, evidentemente que a partir de um viés culturalista e pós-estruturalista, adiciono alguns outros, agora de Denilson Lopes, que igualmente operam em vias de, como me parece ser em quase todos os casos, corroborar e, de novo, suplementar as anotações de Santiago: nomeadamente referido, ele, Santiago, em *O homem que amava rapazes e outros ensaios* (2002), e “vestigial”, e aqui eu começo a arriscar as minhas próprias notas, pelo “estilo escritural” de seus textos. Mas isso é um parêntese<sup>1</sup>.

Feitas as indicações iniciais, quero prosseguir e ler o texto de Silvano Santiago para, a partir dele e sobre ele, apresentar – gesto ousado que ilustrará a própria proposta deste texto – uma suplementação à postulação teórico-prática expressada em seu ensaio: a do homossexual astucioso, ou como também nomeia ele, homossexual malandro (SANTIAGO, 2004, p. 201).

<sup>1</sup> Refiro-me ao ensaio “Do entre-lugar ao transcultural”, de Denilson Lopes, disponível em <[www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/dlopes01.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/dlopes01.pdf)>. Acesso em: 29 de nov. de 2018.

## O homossexual malandro

Gostaria de lançar a proposta deste texto por meio do questionamento do próprio Santiago, eixo argumentativo de “O homossexual astucioso” e mote desta suplementação. Escreve ele:

Se o homossexual não pode e deve ser mais astucioso? Se formas sutis de militância não são mais rentáveis do que as formas agressivas? Se a subversão através do anonimato corajoso das subjetividades em jogo, processo mais lento de conscientização, não condiciona melhor o futuro diálogo entre heterossexuais e homossexuais, do que o afrontamento aberto por parte de um grupo que se auto-marginaliza [sic], processo dado pela cultura norte-americana como mais rápido e eficiente? (SANTIAGO, 2004, p. 202).

*O homossexual  
astucioso*

---

55

Desse excerto, elaboro o conceito de “política de sutileza homossexual”, atribuindo-o, como síntese, à proposição de Santiago, conceito esse que antes de ser o que alguns críticos pudessem nomear “medo”, “covardia”, entre outros, é uma política, complexa em sua configuração, e é certo que de eficiência suspeitável – e esse é o núcleo duro deste texto – que aponta para o que certa crítica cultural entende por “negociação”. Cabe, nesse momento, de modo breve, retomar a elaboração teórica de Homi Bhabha (1998) para, de modo mais preciso, buscar dar conta da noção de “negociação” e, depois, cotejá-la com a proposta deste texto e com o que compreendo que deve ser suplementado na proposição de Santiago; valeria, antes de enfrentar esse conceito de modo frontal, dizer que tal formulação teórica pode aludir, e em minha compreensão, enviesadamente, à superação de um trauma passado por meio de um concerto, nesse caso específico, um concerto cultural, ou em sentido *stricto*, por intermédio do que atualmente vem sendo chamado de “políticas de/para a diversidade”<sup>2</sup>. Entendo como equivocadas as políticas *de* e *para* a diversidade, uma vez que tais ações vêm sendo utilizadas como forma de integrar e assimilar a diferença, longe de afirmá-la e/ou mantê-la, promovendo, em alguns casos, o branqueamento da negritude, e, em outros, discursos de “tolerância sexual” e padronização

---

2 As políticas para a diversidade, em oposição às políticas para as diferenças, preocupam-se, muito mais, com uma certa assimilação, e talvez, diluição do outro em discursos e estruturas de poder dominantes, que com sua valorização e afirmação. Para mais reflexões sobre o tema, ver o texto *A igualdade não faz o meu gênero*, de Leandro Colling (2013).

da homossexualidade. As políticas de e para a diversidade tendem, necessariamente, a alinhar-se ao sistema padronizador heteronormativo (e algumas vezes, homonormativo), o que legitima, por um lado, alguns sujeitos como viáveis, possíveis, em detrimento de tantos outros, possibilidades da diferença, que são tornados abjetos (BUTLER, 2002).

A negociação, em países de passado colonial como é o nosso, o Brasil, se circunscreve no campo semântico da política partidária, lembrando os famosos “acordões” e negociatas, velhos conhecidos dos brasileiros. Tal termo, longe de indicar, portanto, o entendimento de Homi Bhabha explicitado em *O local da cultura* – que aponta para a negação das polaridades nós-outros e o reconhecer-se em “entre-lugares” e “entre-tempos”, entre outras questões – é base de um gesto de suspeição e, principalmente, de um integracionismo redutor. Vale dizer, ainda, que “negociar”, se tomarmos como pano de fundo o sistema capitalista atual, intrinsecamente assimétrico, pressupõe, de modo inevitável, a supressão da vontade do mais fraco por conta do poder do mais forte. Dessa maneira, quero que fique patente que, muito embora haja tal entendimento em relação à “negociação”, neste trabalho, por outro lado, invoco uma noção diferente, percebendo a negociação a partir de possíveis associações com as articulações das diferenças culturais (BHABHA, 1998, p. 20).

Bhabha indica que a negociação tem por estrado teórico o hibridismo, a descentralização e a ambivalência, “locais” a partir dos quais seria possível a formulação da cultura nacional e dos próprios sujeitos que a ilustram, e daí, em se tratando do homossexual malandro, a relevância desse conceito teórico. A entrada em cena de sujeitos outros, outrora alijados da representação oficial, ou como prefere Bhabha, do “reconhecimento parcial” conferido pela Tradição, provoca, muitas das vezes, conflitos, e, via performances<sup>3</sup>, uma reencenação do passado. Cito Bhabha (1998, p. 51):

Quando falo de negociação em lugar de negação, quero transmitir uma temporalidade que torna possível conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios: uma dialética sem a emergência de uma História teleológica ou transcendente, situada além da forma prescritiva da leitura sintomática, em que os

3 Nesse sentido a literatura, bem como outras textualidades culturais, trabalham em vias de negociar a diferença e, a partir de lugares trans-históricos, apresenta-se enquanto possibilidade de (re) definição e produção do social.

tiques nervosos à superfície da ideologia revelam a “contradição materialista real” que a História encarna. Em tal temporalidade discursiva, o evento da teoria torna-se a negociação de instâncias contraditórias e antagônicas, que abrem lugares e objetivos híbridos de luta e destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e a razão prático-política.

O que defendo, portanto, passa por uma leitura de negociação a partir da noção de entre-lugar, que implica, necessariamente, uma não-assimilação das diferenças e um entendimento de que é no interstício – ou no “hibridismo” – que as diferenças culturais podem ser articuladas. Conforme sustenta Bhabha, não é na contradição que a negociação alcança seus objetivos, mas, sim, por intermédio da destruição de “polaridades negativas”, ou melhor, de posições antitéticas que levariam, de maneira inevitável, ao apagamento ou à diluição de um posicionamento em detrimento de outro. Nesse sentido, é possível melhor compreender a partir de onde Santiago enuncia quando fala acerca da “sutileza” ou “malandragem” desejáveis para bem de uma mais profícua convivência entre homossexuais e heterossexuais.

A negociação, e agora conforme assevera Denilson Lopes a partir da leitura de Santiago, aponta para uma “redefinição do nacional” (p. 2), uma vez que já não se trata apenas de uma nação heterossexual, europeizada, mas também, e não apenas, e talvez mais ainda e outras possibilidades mais, negra, homossexual, indígena e desterritorializada. O próprio romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, ao mover seu protagonista ao “exílio sexual”<sup>4</sup>, e isso por conta de sua homossexualidade patente, reconstrói o nacional a partir de fora<sup>5</sup>, da cosmopolita Nova Iorque dos

---

4 Acerca do conceito de deriva/exílio sexual, que retiro do romance *Stella Manhattan*, cito trecho de artigo publicado ano passado (LUCAS LIMA e CAETANO, 2018, p. 17): “o desaparecimento do objeto legitimador dos discursos que sustentam a compulsoriedade heterossexual – o homossexual – tanto torna inócuas as especulações sobre o destino de *Stella Manhattan* quanto enfraquecem o poder da heteronormatividade enquanto forma de abjetificar e oprimir os homossexuais. A abjeção do homossexual, que perturba a ordem e a identidade baseadas em um modelo heterossexual, ao ser impossibilitada pela incerteza do desaparecimento de *Stella* também impede que se perpetuem os discursos beligerantes e oposicionistas que contribuem para a manutenção da situação de margem da homossexualidade. O romance, assim, de maneira suplementar aos escritos do Silviano Santiago ensaísta, a partir das noções de exílio, de deriva sexual e também da aposta na ambiguidade de gênero, consegue fazer tremer os dispositivos de poder da heteronormatividade, tornando seus reclamos inoperantes”.

5 Said (2003) realiza a reflexão em torno da construção do nacional a partir de fora, a partir do exílio, ao comentar o caso de milhares de palestinos e judeus que, mesmo desterritorializados, em diáspora, edificaram um completo imaginário de nação.

anos sessenta, “enfocando não só os intelectuais mas as solidariedades transnacionais criadas a partir de migrações de trabalhadores, movimentos sociais e ONG’s” (LOPES, p. 3), e acrescentaria, como afirmo em outro trabalho (LUCAS LIMA, 2017), a partir da solidariedade *beesha* e *pajubeyra* centrada na homossexualidade e (talvez), não sem muitas ressalvas, no estilo de vida *gay*<sup>6</sup>.

Assim, mesmo que, tendo em vista a leitura defendida neste trabalho, Santiago caminhe com seu ensaio no sentido de um posicionamento que articula polaridades identitário-sexuais – heterossexual, homossexual, bissexual, o limite dessa argumentação se encontra exatamente na afirmação do que se quer negar: a contraposição do “exibicionismo público, protestante” (SANTIAGO, 2004, p. 201) a “formas sutis de militância” (p. 202), essa em tons católicos, segundo ele mesmo diz. Mas seria injusto de minha parte asseverar que Santiago não prevê essa cilada, a do investimento na oposição; contudo, o ponto nevrálgico da argumentação que faço se assenta no momento mesmo da fissura da síntese de Santiago: sua ensaística não dá conta de, a contento, *suplementar* as políticas de militância homossexuais, mas sim seus textos ficcionais, notadamente o romance *Stella Manhattan*.

O que quero dizer com tudo isso é que a proposição de Santiago apresenta-se lenta demais e insuficiente no sentido de dar conta dos desafios éticos e políticos do presente. Se por um lado ela não parte para o embate direto, dá excessivo crédito às masculinidades e às feminilidades hegemônicas, inscritas na heterossexualidade, ao apostar em um “diálogo entre heterossexuais e homossexuais” (SANTIAGO, p. 202). Tal movimento – e não mais o do diálogo, mas o da interpelação – me parece mais eficaz e, ao mesmo tempo, contestatório da posição de privilégio heterossexual, a partir da personagem *Stella Manhattan*, protagonista do romance de nome homônimo, em que a questão sexual – “privada” como afirma Santiago – extrapola esse âmbito vindo a se circunscrever, via performance, no nítido gênero feminino de Eduardo Costa e Silva/*Stella Manhattan*, a protagonista do romance.

---

6 Sobre o conceito de homonormatividade, afirma João Manuel de Oliveira (2013, p. 69): “o conceito de homonormatividade torna-se particularmente relevante para entender o modo como a população LGBTIQ faz perdurar o legado da heteronormatividade no plano de uma cidadania voltada para o consumo num quadro neoliberal, na despolitização das reivindicações e no reforço do binarismo de gênero dentro da própria comunidade, constituindo assim uma hierarquização dentro dessa comunidade em termos de grau de aceitabilidade e de conformidade dos corpos às normas de gênero”.

## Suplementação *queer*

Seguindo o “conselho” de Denilson Lopes em “Do transcultural ao entre-lugar”, entendo que as “ficções de Silviano Santiago podem ser entendidas como suplementos do que foi deixado aberto pelos ensaios” (p. 1), e a partir daí invoco o romance *Stella Manhattan* com vistas a suplementar as afirmações de Santiago a respeito do homossexual malandro e da suposta efetividade da “política de sutileza homossexual”, formulação teórica que, conforme antes disse, atribuo à proposição do ensaísta.

A partir de *Stella Manhattan* proponho pelo menos duas possibilidades de política homossexual, exemplificadas a partir de quatro personagens, as quais, longe do modelo que ora afirma, ora nega, uma identidade sexual, aposta na fluidez da mesma, mas com estratégias diferenciadas: a primeira, tipológica das personagens Paco/Lacucaracha, Vianna/Viúva Negra e Marcelo, e a segunda, de Eduardo Costa e Silva/Stella Manhattan.

A dita “fluidez” a que me refiro precisa ser compreendida, em se tratando das primeiras três personagens, como *enrustimento*, forma que possibilitaria a adequação da homossexualidade ao sistema capitalista de produção, uma vez que, de outra maneira, ocorreria o exílio: do núcleo familiar, do social e, por fim, do próprio país, como ocorre com Eduardo/Stella. No que se refere a Eduardo/Stella, a fluidez se aliaria ao que quero entender como “suplementação *queer*” à política de sutileza homossexual, posto que, apesar de não haver uma afirmação da homossexualidade, ato público, “declaratoriamente” protestante, a própria performance de gênero de Eduardo/Stella, calcada na disjunção de gênero constante, dá conta de negociar e atualizar o formato contratual de tolerância (SANTIAGO, 2004, p. 202) entre homossexuais e heterossexuais, até o ponto mesmo em que tais classificações identitárias se esgarçam e rompem com as “normas contratuais de vida pública” (*idem*). O *queer*, nesse sentido, associa-se a essa concepção de negociação por meio da ideia de “mobilidade”, que remete à *différance* derridiana: “o significado ilusório é sempre indecível e eternamente diferido por um significante simbólico que fica sempre móvel” (POSSO, 2009, p. 134).

Logo no início do romance, o narrador apresenta os lugares preferidos de Paco/Lacucaracha, os quais chama de “sítios de atraco” (SANTIAGO, 1985, p. 35), ou “locais de pegação”, que nada mais são que ambientes de sociabilidade homossexual em que seus frequentadores não necessariamente precisam afirmar-se como *gays* e homossexuais. Esse trecho da narrativa é emblemático para fins de acessarmos a per-

cepção dessa personagem no que toca à assunção de uma identidade homossexual. Cito outro excerto para, depois, contrastá-lo com o primeiro: “para Paco, bicha tem que ter pudor, assim como una mujer que es verdaderamente mujer, una hem-bra, tem que ser recatada” (p. 211).

Esses exemplos deixam a descoberto a forma dual como a personagem Paco enxerga a sua sexualidade e a sua identidade sexual. É possível dizer que, por um lado, defende ele o enrustimento social, quer dizer, a assunção de um comportamento pudendo, tal como uma “mulher verdadeiramente mulher”, e, por outro, a experienciação de sua sexualidade de “*maricón*” pelos “banheiros públicos do subway, ‘where the action is’” (SANTIAGO, 1985, p. 29), o que o aproxima das outras personagens do romance, caso do coronel Vianna, militar brasileiro em serviço nos Estados Unidos que tem sua sexualidade relegada ao âmbito do escondido, e até mesmo do abjeto<sup>7</sup>. Paco, ao comparar o comportamento de uma “bicha” ao de uma “verdadeira mulher”, deixa patente a sua concepção acerca da mulher e, mais do que isso, alia-se ao ideário patriarcal – heteronormativo e homofóbico – quando determina o que é ou não aceitável. Diz Carl Posso (2009, p. 135):

Como Paco/Lacucaracha (...), que adota um estilo de vida francamente *gay*, mas que, no entanto, é incapaz de transcender uma sensação de cumplicidade com a homofobia da sociedade, o narrador-protagonista aqui é, ao mesmo tempo, fascinado e enojado por seu desejo por homens.

Posso está se referindo ao narrador-protagonista da novela “Bem longe de Marienbad”, de Caio Fernando Abreu, cujo sentimento em relação à sua homossexualidade, como se disse no excerto, é ao mesmo tempo de atração e repulsa. Para bem de demonstrar a repulsa que sente Paco pela homossexualidade, ou melhor, pela assunção pública da mesma, cito um trecho do romance:

São mais é possuídos pelo diabo [os assumidos], contesta Paco.  
*Mira a esta maricona de negro, como puede vestirse como se viste y*

7 Segundo defende Butler (2002), a abjeção designa tudo o que pode ser associado ao âmbito do “inabitável”, do que não pode ser vivido, mas que, inevitavelmente, é necessário para o estabelecimento do “normal”, do que pode ser vivido. Em outras palavras, a abjeção funda a ideia de ilegitimidade de sujeitos outros excluídos de uma sociabilidade plena (PELLER, 2011).

*salir por la calle como se fuera día de carnaval. Será que perdeu a vergonha a desgraçada?* (SANTIAGO, 1985, p. 211).

Quanto à personagem Vianna, outra faceta que vem a reafirmar sua relação com a abjeção: sua predileção por negros e porto-riquenhos, os quais, é certo que a partir da focalização do narrador, são tidos como sujeitos que ocupam os últimos lugares no quadro da sociabilidade normativa ocidental:

O Vianna foi enumerando as mil dificuldades que tinha para transar numa legal em Nova Iorque, ainda mais que gostava de *gente barra pesada e não enjeitava também negro ou porto-riquenho* (SANTIAGO, 1985, p. 55 - as marcações são minhas).

*O homossexual astucioso*

---

61

Dessa maneira, os “locais de pegação” de Paco e o desejo sado-masoquista de Vianna ilustram a ambivalência identitária dessas personagens, cujas performances terminam por fixar e estabelecer papéis estáticos para a homossexualidade: o da abjeção<sup>8</sup>. Judith Butler (2002), ao propor e refletir sobre a teoria da performatividade, preocupa-se justamente com as maneiras por meio das quais as identidades são cristalizadas pela linguagem, pelos discursos, colocando-as em xeque como representação da realidade. Em se tratando das personagens em questão, Paco e Vianna, mesmo que tornando abjeta a homossexualidade, suas performances apontam justamente para a instabilidade, e, portanto, à ficcionalidade das identidades sexuais, já que se constituem em um jogo constante de enrustimento. Mesmo que eu não considere esses exemplos como paradigmáticos de uma possível suplementação *queer* à formulação de Santiago, o que eles têm de contributivo é a possibilidade de visualizar a precariedade e as múltiplas possibilidades das próprias identidades.

Marcelo, outra das personagens que apela para a fluidez das identidades, é um professor universitário “bissexual”, conforme ele mesmo declara, que, conforme entendo, prefere transitar pela “sutil malandragem” do que pela visível exposição performática de gênero de Eduardo/Stella:

---

8 Muito embora as práticas sexuais não-normativas, bem como os sujeitos que as exercem, sejam entendidos como “abjetos”, em um sentido ampliado do conceito, e tendo em vista seu cariz antagônico à hegemonia heterossexual, uso “abjeto” de maneira distendida, de modo que, no caso específico das personagens Paco e Vianna, o sadomasoquismo e a prática sexual relegada aos banheiros públicos sejam concebidos em sua associação com o monstruoso, com o inabitável.

Sou o contrário dos bissexuais que conheci; os outros preferem a perfumaria com homens e foda com a mulher. Na hora de enfiar o sarrafo na xoxota vou perdendo o interesse, a bandeira fica a meio pau, desconverso, daí a pouco a piroca está mole mole que nem manteiga derretida. Se puder, tiro o time de campo. Na maior. Sem complexo e sem aflição (SANTIANO, 1985, p. 104).

Carlos  
Henrique  
Lucas Lima

---

62

Essa personagem, ao enunciar sua identificação parcial com certa bissexualidade, indica, em consonância com Paco e Vianna, uma construção individualizada, e daí também, performativa, de sexualidade e identidade sexual, ao descrever uma prática e uma identidade sexual singulares – bissexualidade – discrepante da majoritária, mesmo que, em momentos (1985, p. 99), associe-se a Eduardo, ao ver-se homossexual tal como seu amigo de faculdade.

Ao apresentar essas performances como possibilidades de política homossexual, não pretendo antagonizá-las com aquela que será atribuída a de Eduardo/Stella; isso seria cair no erro dos binarismos, procedimento teórico e metodológico simplista, porém eficiente em alguns momentos. O que se pretende, e que espero fique claro neste trabalho, é que a própria performance de gênero de Eduardo, que oscila entre o funcionário brasileiro no consulado e a bicha-louca perdidamente apaixonada por Rickie – garoto de programa americano, mas que não estaciona no dualismo da oscilação, antes reformulando-se constantemente ao longo da narrativa, são as alternativas do devir, a força teórica e política da deriva como possibilidade de derrisão de noções cristalizadas no que toca o gênero, a sexualidade e o próprio corpo. Cito Maria Marta Pessanha Mascarenhas Simosas (2007, p. 51), em sua dissertação de mestrado, quando defende que “a eficácia do termo *queer*” reside na sua “resistência à definição”, na sua elasticidade:

É, de facto, este o grande potencial da teoria *queer*, enquanto instrumento conceptual e político, já que, como Butler nos recorda em *Undoing gender*, não pode haver agência política sem um modelo conceptual teórico, mas, um modelo teórico que não se traduza em agência política, é inútil.

O *queer*, nesse sentido, associa-se à concepção de negociação que até aqui venho manejando por meio da ideia de “mobilidade”, que remete à *différance* derridiana: “o significado ilusório é sempre indecível e eternamente diferido por um significante simbólico que fica sempre móvel” (POSSO, 2009, p. 134). Eis um trecho de *Stella Manhattan*:

Mais um feeling bem lá dentro, no profundo do profundo, do que um raciocínio racional e verbalizável. Foi deixando Stella sair das quatro paredes do quarto, sair da casa, descer o elevador, andar na rua, conversar com as pessoas, desmunhecar (SANTIAGO, 1985, p. 21).

*O homossexual astucioso*

Stella, epônimo de Eduardo Costa e Silva, à medida que a narrativa vai se desenrolando passa a assumir – e esse verbo cobra especial sentido nesse contexto – uma subjetividade *queer*, cuja “única condição necessária” (SIMOSAS, 2007, p. 51) é também a assunção de uma “autopercepção e filiação experimentais” (SEDGWICK, 1993, p. 9 *apud* SIMOSAS, 2007, p. 51). Quer dizer, a própria disjunção de gênero, antes mencionada, aponta essa “filiação experimental”, já que Eduardo/Stella, a todo o momento, como que “testa” possibilidades gendéricas e identitárias.

Santiago, em “O homossexual astucioso”, retoma a história que no Brasil o verbo “assumir” protagonizou, quando diz que “coube ao homossexual carregar na vida pública um fardo que o heterossexual não carregava nem carrega” (2004, p. 197), ao forçar que os e as homossexuais exibissem, na esfera pública, um comportamento, via de regra, privado, isto é, suas sexualidades. Assim, defende ele que se passe de um “exibicionismo público”, protestante e americano, segundo sustenta, para uma “malandragem” brasileira, em que os e as homossexuais não precisariam explicitar “a própria condição foneticamente ou através de *buttons*, *slogans*, etiquetas”, e que, agindo assim, eles e elas deixariam de atrair a “violência social contra si mesmo[s]” (2004, p. 201).

A suplementação *queer* ao que me parece, se considerarmos *Stella Manhattan*, provocaria um pequeno, mas significativo, deslocamento – ou *suplementação* – no ponto de vista do autor já que tem como principal ponto de investimento a ambiguidade de gênero e um cariz provocador mais direto e incisivo que a delicada “sutileza” advogada por Santiago. Sobre a passagem do romance que anteriormente transcrevi, o que ali se indica é a ocupação do espaço público pelo interesse do privado; a

63

privatização do público e a publicização do privado. É nesse sentido, portanto, que leio *Stella Manhattan*, como uma narrativa que suplementa a proposta do Santiago-ensaísta que prefere, antes do *outing queer* de Stella/Eduardo, talvez a sutileza de um Paco, que, mesmo adotando um estilo de vida abertamente *gay*, conforme rubrica Karl Posso, é, ao fim da narrativa, preservado, ao contrário de Eduardo, o qual desaparece sob o céu da cosmopolita cidade de Nova Iorque.

Fica evidente que distendo um pouco o argumento de Santiago para forçar o leitor a avaliar o argumento deste texto; entretanto, não vejo como Paco/Lacucaracha, ou até mesmo outra das personagens do romance, Marcelo, professor universitário e espécie de agente comunista brasileiro, poderiam subverter o regime heteronormativo, mesmo que Santiago o explique, ao dizer que ao “explicitar menos a violência social contra si mesmo”, quer dizer, dando “menos bandeira”, “o homossexual malandro deixaria mais explícito o modo como a ‘norma’ foi e está sendo constituída social e politicamente pela violência heterossexual” (2004, p. 202).

A saída que encontra Santiago, mais lenta e de expectativa extremamente otimista, ignora que, mesmo antes da ascensão dos movimentos *gays* identitários das décadas de sessenta e setenta, momento histórico em que o assumir-se *gay* ou lésbica estava na pauta do dia, os e as homossexuais eram já sujeitos à violência, física e psicológica, da sociedade heteronormativa, que, de maneira automática, relegava o diferente de si à margem da linguagem, da própria existência como sujeitos viáveis.

Estaria Santiago defendendo um sujeito social, econômica e culturalmente integrado, assimilado pelo sistema burguês e necessariamente identitário? Penso que não. Mas, em momentos, a leitura do ensaio de Santiago nos encaminha nesse sentido, uma vez que coloca sobre a mesa de apostas todas as fichas na tomada de consciência dos heterossexuais, que deveriam adotar “normas contratuais de tolerância”, “mudar de comportamento” (2004, p. 202). Talvez a forma mais rentável de militância seja assumir a potencialidade do *queer* como modalidade teórico-política democrática capaz de produzir uma “sociedade menos injusta e mais inclusiva” (SANTOS, 2005, p. 10).

Como uma possibilidade de resposta à provocação feita no título deste texto, muito embora o que aqui se tentou tenha sido uma suplementação – parcial e aberta, o homossexual astucioso seria aquele que

desse mais crédito às possibilidades de derrisão da heterossexualidade presumida, tanto por meio da desconstrução da linguagem – via disjunção de gênero, por exemplo, quanto pela desacomodação dos papéis de homens e mulheres, héteros e homos, gueis e lésbicas.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

COLLING, L. A igualdade não faz o meu gênero - em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Contemporânea** - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 3, 2013, p. 405-428.

LOPES, Denilson. Do entre lugar ao trans-cultural. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/dlopes01.pdf>>. Data de acesso: março de 2019.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique; CAETANO, Marcio. Deriva e exílio sexuais: sobre **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 54, p. 319-337, Agosto de 2018. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182018000200319&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000200319&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Mar. 2019.

MORICONI, Ítalo. Literatura moderna e homossexualismo. In: GOLIN, Célio; WEILER, Luiz Gustavo. **Homossexualidades, cultura e política**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

OLIVEIRA, João Manuel de. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neoliberais de uma cidadania de ‘consolação’. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 68-78, 2013. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000100009&lng=en&nrm=iso)>. Access on: 05 Mar. 2019.

Carlos  
Henrique  
Lucas Lima

---

66

PELLER, Mariela. Judith Butler y Ernesto Laclau: debates sobre la subjetividad, el psicoanálisis y la política. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Núm. 7 - abr. 2011 - p. 44-68.

POSSO, Karl. **Artimanhas da sedução: homossexualidade e exílio**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SANTOS, Ana Cristina. Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva. Disponível em: <[www.ces.uc.pt/investigadores/cv/ana\\_cristina\\_santos.php](http://www.ces.uc.pt/investigadores/cv/ana_cristina_santos.php)>. Data de acesso: março de 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Tendencies**. Columbia. New York: Duke University Press, 1993.

SIMOSAS, M. M. P. Mascarenhas. A fluída arte da descosura: filosofias de liberdade em **Cartas portuguesas e Novas cartas portuguesas**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007 (dissertação de mestrado).